

OXIGÊNIO

NOVEMBRO 2023

o

NÚMERO 51



PEQUENAS ÁFRICAS:
O RIO QUE O SAMBA INVENTOU

EDITORIAL

No século XVI chegaram os primeiro africanos escravizados Brasil. No Rio, desembarcaram no Cais do Valongo, o principal porto escravista em todas as Américas, cunhado pelo artista Heitor dos Prazeres como “*Pequena África*”. Foi nessa região que nasceu o samba – ritmo que se popularizou na década de 30, com o rádio e as escolas de samba – hoje considerado Patrimônio Histórico Cultural e reverenciado em todo o mundo.

Pequenas Áfricas: o Rio que o samba inventou, matéria de capa dessa edição, refere-se à exposição em cartaz no IMS paulista, que investiga as origens e transformações do samba no Rio de Janeiro, exibindo as redes de sociabilidade, trabalho e espiritualidade em torno do ritmo na capital carioca, do início dos anos 1900 até hoje. A exposição reúne aproximadamente 380 itens, entre fotografias, filmes e obras de arte. Imperdível!

Outra matéria que dá samba é o lançamento do primeiro copo desenvolvido especialmente para a degustação da cachaça, a mais brasileira de todas as bebidas. Lançado no final de outubro, na versão cristal, e produzido artesanalmente, no sopro, traz uma pincelada de ouro de 20,6 quilates feita à mão. Um luxo!

A “joia” foi desenvolvida pela bicentenária Vista Alegre, empresa portuguesa considerada uma das quatro mais notáveis fabricantes de cristais do mundo, em parceria com a carioca Academia da Cachaça, que há 38 anos deu à bebida o lugar de destaque que merece. Os estudos para a criação do copo com as características ideais tiveram início em 2017, com um grupo de especialistas reunidos pela Academia. Agora, a exemplo de outras bebidas, a cachaça tem um copo para chamar de seu. Tim-tim!

Capa: Cartola em foto para publicação no Diário da Noite, Rio de Janeiro, RJ, 01.07.1957
Arquivo Diários Associados/Acervo Instituto Moreira Salles, Autoria não identificada

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato
Colaboradora: Vanda Klabin

(21) 97326-6868 / 3807-6497 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

ÍNDICE

04

OXIGENE: *O cachorro que se recusou a morrer* | Sucesso de público e crítica “*A Aforista*” volta ao teatro do CCB RJ | Projeto *Memória 75* marca o aniversário de 75 anos do MAM Rio

09

MATÉRIA DE CAPA: *Pequenas Áfricas – O Rio que o samba inventou*

15

GASTRONOMIA: Uma joia para a cachaça

21

“*Devaneios*”, primeira individual da artista Clara Veiga, na Artur Fidalgo Galeria, RJ

24

Na Pinakothke São Paulo, *Anjos com Armas*

28

Sala de Mapas, no Instituto Cervantes, RJ

30

Passeio Público, na Caixa Cultural Rio de Janeiro

36

Rastro dos Restos – Nova exposição do MAC USP reúne obras de Ricardo Ribenboim

39

Na Galeria Mario Cohen, SP, *Uma flor não é uma flor*

41

Hiromi Nagakura até a Amazônia com Ailton Krenak

44

O Navio Fantasma, de Richard Wagner, e uma programação dedicada ao *Dia da Consciência Negra* no Theatro Municipal de São Paulo

47

Trauseunte, de Andre Baía, e *8 de janeiro – jamais fomos modernos*, de Alex Frechette, ocupam o Centro Cultural da Justiça Federal no Rio de Janeiro

51

Margem de Erro na Casa da Cultura do Parque, SP

O CACHORRO QUE SE RECUSOU A MORRER



Foto: Fernando Valle

Nesse drama autobiográfico e bem humorado, a memória afetiva do ator-autor Samir Murad, filho de imigrantes libaneses, mistura tempos e espaços, tocando uma dimensão onírica do real. O espetáculo estreia no dia 19 de novembro no Centro Cultural Justiça Federal, Rio de Janeiro

O argumento de *O cachorro que se recusou a morrer*, novo espetáculo do ator e autor Samir Murad, que divide a direção com Delson Antunes, deriva de suas memórias e das histórias contadas por seu pai, um imigrante libanês em sua luta pela sobrevivência numa terra estranha. Conflito, êxodo, o novo mundo, casamento por encomenda, saúde mental afetada, são conteúdos que, como um mascate andarilho, o ator mambembe carrega em sua mala e pretende vender ao seu público. Dessas referências nasce um contato intimista e revelador entre artista, teatro e espectador.

Um casamento por encomenda e uma tríade formada pelo pai, a mãe e a irmã mais velha, afetada mentalmente (inclusive por internações) pelo casamento sem amor dos pais. Marcas que não desvanecem e perpassam por toda a relação familiar do autor-ator, extraídas não apenas de suas memórias, mas de relatos gravados por seu próprio pai antes de falecer.

O texto oscila entre o drama e o humor, trazendo à cena uma cultura machista, forjada em dogmas religiosos que até hoje permeiam a maioria dos lares brasileiros. Em alguns momentos, projeções mesclam imagens criadas com fotos reais antigas, assim como da casa onde tudo se passou, o que acentua o clima dos escombros da memória. A forte presença da trilha sonora, marca a cultura árabe familiar. Não faltam ao espetáculo os gestos, a mímica e as pantomimas que emprestam emoção à palavra.

Por trás de uma cena de família (da família do ator-autor), muitos aspectos da cultura árabe – alguns deles em gritantes conflitos com os costumes brasileiros – precisam ser revisitados. Começando pela submissão da mulher, a intolerância religiosa, o poder tribal do patriarca.

– *Quero lhes apresentar essa história porque acredito que ela cumpre a função essencial do Teatro: emo-*

cionar e provocar uma reflexão sobre a condição humana. Depois da trilogia Teatro, Mito e Genealogia – a partir de uma pesquisa de linguagem cênica, baseada em conceitos e práticas teatrais de Antonin Artaud –, representada pelos meus trabalhos anteriores: Para Acabar de Vez com o Julgamento de Artaud (2001); Édipo e seus Duplos (2018); e Cícero – A Anarquia de um Corpo Santo (2019), proponho com O cachorro que se recusou a morrer, uma nova forma de narrativa, mais simples, mais contida e essencial. Meu foco, aqui, é a alma do texto. O diálogo com o público –, declara Samir Murad.

SERVIÇO

Espectáculo *O cachorro que se recusou a morrer*

Temporada: 19 de novembro a 17 de dezembro, aos domingos, às 16h

Centro Cultural Justiça Federal

Av. Rio Branco, 241, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Próximo a Estação Cinelândia do Metrô Rio

Informações: (21) 3261-2550

Valor do ingresso:

R\$ 40,00 (inteira) e R\$ 20,00 (meia-entrada)

Vendas na bilheteria do Teatro ou antecipadas pelo site

Symppla: <https://www.sympla.com.br>

Capacidade de público: 141 pessoas

Classificação: Não recomendado para menores de 10 anos

Duração: 75 minutos | Drama bem humorado

Foto: Fernando Valle





Foto: Renato Mangolin

Sucesso de público e crítica “A AFORISTA” volta ao teatro do CCBB RJ

Em janeiro, “A Aforista” abriu a temporada teatral de 2023 no Teatro I do CCBB Rio; ao longo do ano, percorreu as outras unidades do centro cultural em Brasília, São Paulo, Belo Horizonte e em Curitiba, sendo indicada em 11 categorias para as mais importantes premiações do teatro brasileiro. Agora, o espetáculo retorna ao CCBB Rio para encerrar a temporada teatral no palco do Teatro II. A reestreia acontece no dia 8 de novembro. Compõem o elenco a atriz Rosana Stavis e os músicos Sérgio Justen e Rodrigo Henrique. A trilha sonora é de Gilson Fukushima.



Foto: Renato Mangolin

O espetáculo *A Aforista*, do dramaturgo e diretor curitibano Marcos Damaceno (Prêmio Shell de dramaturgia por *Homem ao Vento*), traz à cena uma mulher (Rosana Stavis) que caminha sem parar em direção ao enterro de um antigo amigo da faculdade de música. Enquanto anda, reflexões sobre sua própria vida invadem sua mente – os caminhos escolhidos por ela e seus antigos amigos, todos “promessas da música”.

O público acompanha a narrativa das reflexões da personagem, verbalizadas em um estado próximo ao devaneio. Seus pensamentos, lembranças e imaginação fluem líricos em certos momentos, pesados em outros; são pouco imaginativos e medianos, em certos trechos, para logo em seguida flertarem com a filosofia e o sublime, tornando-se expansivos, contraditórios e, principalmente, com confusões e associações próprias da mente humana em nossos dias.

– É uma peça sobre as decisões que tomamos. Sobre as nossas escolhas. Os caminhos que seguimos. E onde eles nos levam. É também uma peça sobre nossos sonhos. Sobre nossos desejos, principalmente quando jovens, e de como lidamos com eles. Como convivemos com nossas frustrações, com nossas insatisfações – comenta o diretor Marcos Damaceno.

PIANOS DE CAUDA DÃO O TOM DA NARRATIVA

Dois pianistas, John Marcos Martins e Polacoviski, amigos da protagonista, duelam no palco com acordes que pontuam as lembranças da “aforista” – apelido dado por eles à amiga, cujo significado é “*que ou aquele que*

cria, estuda ou cita aforismos com frequência” (Aforismo: máxima ou sentença que em poucas palavras contém uma regra ou um princípio de alcance moral: “*A vida sem música seria um erro*” – Nietzsche).

A narrativa desenvolve-se a partir das lembranças, pensamentos e imaginação da “aforista”, especialmente sobre a sua relação com os dois pianistas – antigos amigos de faculdade –, o caminho que cada um seguiu e o quanto as escolhas individuais influenciaram a vida deles.

– O pensamento é o lugar onde se passa a peça: “andando vamos resolvendo as perturbações do pensamento”, diz a aforista enquanto anda e pensa, conclui Damaceno.

SERVIÇO

Espectáculo *A Aforista*

Reestreia: 8 novembro, quarta-feira, às 19h

Temporada: de 8 novembro a 3 de dezembro

Dias e horários: quarta à sábado, às 19h, domingo, às 18h

Centro Cultural Banco do Brasil – Teatro II

Rua Primeiro de Março, 66, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Informações: 21 3808-2020 | cbbrio@bb.com.br

Valor do ingresso: R\$ 30 (inteira) e R\$ 15 (meia)

Estudantes, maiores de 65 anos e Clientes Ourocard pagam meia entrada

Ingressos adquiridos na bilheteria do CBBB

ou antecipadamente pelo site bb.com.br/cultura

Capacidade de público: 153 lugares

Classificação: Indicado para maiores de 14 anos

Duração: 110 minutos

Projeto MEMÓRIA 75 marca o aniversário de 75 anos do MAM Rio

O MAM Rio acaba de lançar o projeto *Memória 75*, série de depoimentos de nomes da arte brasileira fundamentais para o legado da instituição, que comentam sobre suas trajetórias em diálogo com a história do museu. No episódio de estreia, a carioca Anna Bella Geiger relembra muitas passagens: *"Tenho uma história longa e afetiva com o MAM. Muita gente tem, mas gosto de dizer que sou a que tem mais"*, conta a artista de 90 anos.

"A série marca o aniversário de 75 anos da instituição e reflete sobre experiências e contribuições de artistas relacionados à história do museu, como Carlos Vergara e Carlos Zílio, além de Anna Bella", diz Pablo Lafuente,

diretor artístico do MAM Rio, que conduz as entrevistas realizadas no terceiro andar do espaço expositivo.

"São entrevistas de fôlego, alongadas, que nos dão a oportunidade de ouvir as pessoas contarem suas histórias, sem muita edição. Os enquadramentos mais fechados e a fotografia em preto e branco nos aproximam dessas personalidades essenciais da arte brasileira", conta Erika Palomino, gerente de Comunicação e Design do MAM Rio, que assina a direção criativa do projeto.

A série é transmitida através do canal de Youtube do MAM Rio: youtube.com/@MAMRio

Anna Bella Geiger

Foto: Divulgação





PEQUENAS ÁFRICAS: O RIO QUE O SAMBA INVENTOU

Exposição no IMS Paulista investiga as origens e transformações do samba urbano no Rio de Janeiro. A mostra aborda as redes de sociabilidade, trabalho e espiritualidade que se constituíram em torno do samba na capital carioca, do começo do século 20 até hoje. A curadoria é de Angélica Ferrarez, Luiz Antonio Simas, Vinícius Natal e Ynaê Lopes dos Santos

Tia Amélia do Aragão, mãe de Donga, s.d.
Autoria não identificada

Dividida em dois andares, a exposição reúne aproximadamente 380 itens, entre documentos, gravações musicais, fotografias, matérias de jornais, filmes e obras de arte, provenientes do acervo do IMS e de outras instituições. A mostra faz alusão ao termo “*Pequena África*”, cunhado pelo artista Heitor dos Prazeres para se referir à região da Zona Portuária do Rio, que no começo do século 20 concentrava uma numerosa população afrodescendente. Na exposição, no entanto, o termo é pensado enquanto construção política e expandido para outras regiões da cidade.

A curadoria comenta o recorte: “*A partir da Pequena África histórica, propomos um percurso pelas Pequenas Áfricas que a ela se sucederam, menos um lugar do que um conjunto de práticas consagradas àquele modo de vida. Uma ideia pulsante em núcleos de resistência e ação sustentados por referências e valores de um Rio de Janeiro negro, para além dos clichês que se confundem com a imagem oficial da cidade.*”

O primeiro andar da mostra adota um viés histórico, apresentando a região onde o samba urbano se originou e suas mudanças ao longo do tempo. O percurso se inicia no Cais do Valongo. Tido como o maior porto escravista da história, o complexo do cais recebeu cerca de um milhão de africanos escravizados, vindos forçados



Os Oito Batutas: da esquerda para a direita: Jacó Palmieri, Donga, José Alves, Nelson Alves, Raul Palmieri, Luís de Oliveira, China e Pixinguinha, 1919, Autoria não identificada



Violão do músico Donga



Mano Décio da Viola, Madureira, Rio de Janeiro, RJ, déc. 1970, Walter Firmo

para o Rio de Janeiro. Inteiramente aterrado nas reformas urbanísticas do início do século 20, foi redescoberto durante escavações em 2011 e reconhecido pela Unesco como Patrimônio da Humanidade em 2017.

Na entrada da exposição, uma gravação em áudio na qual o ator Hilton Cobra lê anúncios de venda e compra de pessoas escravizadas, retirados do Diário do Rio de Janeiro, entre 1821 e 1831. A leitura dá a dimensão da violência que imperava na sociedade colonial e neste território em especial, onde, posteriormente, as populações escravizadas reinventaram suas vidas e culturas. Nesse primeiro núcleo, os visitantes também encontram um painel de monotipias do artista Carlos Vergara, feito a partir de fragmentos da escavação do Valongo. Utilizando terra e outros materiais encontrados no local, Vergara imprimiu nas telas os contornos das pedras pisadas pelos sujeitos escravizados e por seus algozes.

Outra obra presente neste núcleo é *Proteção aos ancestrais* (2023), de Mãe Celina de Xangô, figura essencial nos processos de escavação do Valongo. Comissionada para a mostra, a instalação é composta por uma série de plantas naturais utilizadas nos rituais de candomblé, como espada-de-iansã e lança-de-ogum. A obra remete à ideia de purificação, funcionando como um ritual de passagem da dor para a celebração da vida. Fotos do sítio arqueológico do Valongo feitas em 2023 pelo fotógrafo Walter Firmo completam o núcleo.

O próximo, por sua vez, tem como pano de fundo o contexto da República e seus esforços de embranquecimento, quando o governo estimula a imigração europeia, expulsando as populações afrodescentes do centro e criando leis de criminalização de manifestações da cultura popular, como a prática da capoeira. Ainda assim, pelas frestas, emergem práticas e culturas co-



Praça Onze de Junho, Rio de Janeiro, RJ, s.d., Augusto Malta



Quiosque – Praça Onze de Junho, Rio de Janeiro, RJ, 1911, Augusto Malta



Partitura para canto e piano do samba carnavalesco “Pelo telefone”. Rio de Janeiro: Instituto de Artes Graphicas, s.d., Donga e Mauro de Almeida

munitárias que se contrapõem ao projeto de dominação e se inserem no cotidiano e na paisagem da cidade.

Neste segmento, a exposição reúne imagens e documentos da Praça Onze, principal local da Pequena África histórica, habitado, no começo do século 20, por uma expressiva população afrodescendente e também por imigrantes judeus, italianos e ciganos. Foi bem perto dali que se fundou a primeira escola de samba e, em torno dela, realizou-se o primeiro desfile das agremiações. Em 1944, foi derrubada para a construção da Avenida Presidente Vargas. Na mostra, são exibidas imagens que documentam a arquitetura da praça, feitas por fotógrafos como Augusto Malta e Guilherme Santos, e também registros dos carnavais realizados no



Passaporte de Pixinguinha, expedido em 1922

local. Há ainda ilustrações que retratam o carnaval na praça, mapas da região, entre outros registros.

PROFISSÃO SAMBISTA

A partir da década de 1930, compor, tocar e cantar samba deixou de ser delito para se tornar profissão. Ainda que longe das condições de igualdade com elencos dominados por cantores e músicos brancos, os artistas criados nas rodas e nos terreiros se tornaram presença ostensiva em estúdios de rádio e gravação. A mostra destaca figuras essenciais nessa história, como Donga, Pixinguinha, Heitor dos Prazeres, Clementina de Jesus, João da Baiana, Cartola, entre tantas outras.

São exibidos documentos e itens como o violão de Donga, a partitura de “Pelo telefone”, considerado o primeiro samba gravado do Brasil, o passaporte e o contrato de Pixinguinha com a gravadora Victor, registros e reportagens sobre a turnê feita pelos Oito Batutas em Paris em 1922, além de pinturas de autoria de Heitor dos Prazeres.

A exposição também evidencia a atuação central das *Tias* na construção do universo do samba. Mulheres negras e mais velhas em sua maioria, a primeira geração

de Tias chegou ao Rio de Janeiro em meados do século 19 provinda da Bahia. Eram rezadeiras, cozinheiras e quituteiras que exerciam papéis de liderança em suas comunidades. Com o passar das gerações, tornaram-se cada vez mais ligadas às escolas de samba. A partir de fotografias, livros, reportagens e depoimentos, a exposição trata da trajetória de nomes centrais, como Tia Ciata, Tia Amélia, Tia Dodô e Tia Lúcia.



Tia Doca, *Sem título*, da série *Casa de samba*, 2004, Bruno Veiga

O segundo andar da mostra é focado nas práticas cotidianas, revelando como as redes de sociabilidade criadas no universo do samba no começo do século 20 reverberam na atualidade. Entre os destaques, está o núcleo que reúne objetos guardados nas casas de Tias e sambistas, como Djalma Sabiá, Dona Ivone Lara e Tia Maria do Jongo. São discos de vinil, máquinas de escrever, medalhas, imagens de santos e orixás, partituras e receitas, entre muitos itens de valor histórico e afetivo.

Guardados em armários ou pendurados nas paredes das casas, revelam histórias muitas vezes pouco lembradas, além dos esforços de preservação da memória pelas próprias comunidades.

Outra faceta importante é o nascimento das escolas de samba, na década de 1920, nos subúrbios do Rio. A partir de diferentes materiais, a seleção reforça que, desde o princípio, as escolas são lugares associados à luta por direitos e cidadania da comunidade negra, funcionando como uma poderosa estratégia de pressão social e disputa por poder. Entre os itens apresentados, está o filme *Nossa escola de samba* (1968), de Manuel Horacio Gimenez, que registra a rotina da Unidos de Vila Isabel por um ano, em plena ditadura militar.

A seleção também relembra a experiência do bloco *Cacique de Ramos*, fundado em 1961 por um grupo de jovens moradores dos subúrbios da Leopoldina. Ali nasceu o *Fundo de Quintal*, grupo que revolucionou o samba no final da década de 1970, dando-lhe a feição de pagode. Na mostra, são exibidas fotos que registram a história do bloco, como a série de imagens tiradas por Carlos Vergara na década de 1970, além de discos, estandartes, fantasias e instrumentos musicais.

Outro destaque é a trajetória da escola de samba *Quilombo*, fundada em 1976 pelo compositor Antônio Candeia Filho, com o intuito de reforçar a presença da cultura negra no samba. São apresentados depoimentos, bandeiras, livros e registros fotográficos dos desfiles da escola, que contavam com a pre-



Série Carnaval: Cacique de Ramos, Rio de Janeiro, RJ, 1972-1976, Carlos Vergara



Quilombo, Clube Vega, Coelho Neto, Rio de Janeiro, RJ, 1976, Zeca Linhares

sença de nomes como Nei Lopes, Paulinho da Viola e Arlindo Cruz.

Também são enfatizadas tradições que permanecem até hoje, como o *Trem do Samba*, aqui presente em registros feitos pelo fotógrafo Januário Garcia, e a Feira das Yabás, evento dedicado ao encontro entre o samba e a culinária. No final do percurso, o público encontra um grande painel que mostra as conexões entre artistas de diferentes gerações, no qual é possível escutar canções e depoimentos.

Em cartaz até abril de 2024, a exposição celebra o samba como uma cultura em constante movimento, fruto de laços artísticos e comunitários, além de disputas e negociações, como pontuam os curadores: *“Essa exposição parte da música para percorrer a intrincada rede de encontros, trocas e conflitos que ali se formou na primeira metade do século 20. Consciência política, religiosidade e solidariedade são inseparáveis da sofisticada produção artística que se espalha no espaço – ganhando uma cidade, o país e o mundo – e no tempo, ainda hoje pulsante em seu espírito dissidente de um país racista e desigual.”*

ACESSIBILIDADE

A exposição conta com recursos de acessibilidade, como vídeo de apresentação e contextualização em Li-

bras, legendado em português e com audiodescrição; roteiro de audiodescrição com descrição dos espaços, objetos e fotografias; quatro pranchas em relevo; além de tradução poética de músicas em Libras pelas artistas Nayara Silva (surda) e Anne Magalhães (ouvinte).

PROGRAMAÇÃO DO ESPAÇO DE CONVIVÊNCIA

Como ação complementar à exposição, o IMS convida o público a uma reflexão sobre possíveis Pequenas Áfricas na cidade de São Paulo. No espaço de convivência, no 9º andar, são realizadas atividades para tratar da história do samba na capital paulista. Na programação pública, uma série de Giras, propostas por Tadeu Kaçula, combinam rodas de samba e conversas sobre aspectos tradicionais e contemporâneos da experiência negra. O público também pode brincar com um jogo de memória que se utiliza dos Adinkra, símbolos gráficos pertencentes ao povo africano Asante, e seus significados. Uma TV com filmes de criadores negros e uma seleção de livros infantojuvenis completam o espaço de convivência.

SERVIÇO

Exposição Pequenas Áfricas: o Rio que o samba inventou

Até 21 de abril de 2024

IMS Paulista – 7º e 8º andar

Avenida Paulista, 2424, São Paulo / SP

Horário de funcionamento: terça a domingo e feriados (exceto segundas), das 10h às 20h

Entrada gratuita



UMA JOIA PARA A CACHAÇA

Depois de 500 anos,
a bebida brasileira
ganha um copo
para chamar de seu

Produzido pela Vista Alegre em cristal, com características recomendadas por especialistas, o copo exalta a grandeza da bebida nacional. Feito artesanalmente, no sopro, traz ainda um toque pra lá de especial: uma pincelada de ouro de 20,6 quilates. Um luxo!



Uma bebida tão especial merece um copo perfeito. Agora, a cachaça tem! Pensado exclusivamente para ela, o projeto inédito foi desenvolvido pela marca portuguesa Vista Alegre – uma das porcelanas mais famosas do mundo - em parceria com a carioca Academia da Cachaça – bar/restaurante que há 38 anos deu à cachaça lugar de destaque no cenário nacional e internacional.

Dois eventos no final de outubro marcaram o lançamento: em São Paulo, na loja da Vista Alegre – Jardins; no Rio, na Academia da Cachaça – Leblon. O copo, produzido manualmente, tem assinatura do designer Hugo Amado. Os eventos de lançamento contaram com a participação do especialista Felipe Januzzi, criador do site “*Mapa Cachaça*”, que fez parte do grupo criado pela Academia para os estudos do copo ideal.

As primeiras conversas sobre o copo da cachaça tiveram início em 2017, quando a colunista do Globo e crítica gastronômica Luciana Fróes, em viagem ao México, viu um copo feito para a Tequila e ficou pensando porque a mais nobre das bebidas brasileira não tinha um copo especial.

“Estava lá diante do copo de tequila, junto com Nuno Barra, da Vista Alegre, e lembrei de Edméa Falcão, idealizadora da Academia da Cachaça, que volta e meia manifestava o desejo de ter um copo à altura da bebida. Liguei pra ela, que adorou a ideia, e autorizou o start do projeto após o ok de Helcio Santos, também sócio-fundador da Academia. Esse foi o último projeto da Edméa, e chega para manter viva a sua memória”, conta Luciana Fróes.

Para o desenvolvimento do copo certo, capaz de estimular os sentidos visualmente e maximizar os sabores durante a degustação, a Academia da Cachaça reuniu um grupo de especialistas – produtores, distribuidores, criadores de conteúdo social e técnico sobre a bebida, além de um *master blender*, responsável pela formação e qualificação de mais de 3000 profissionais da indústria da Cachaça. Muitas discussões e experimentos foram realizados ao longo desses anos (exceto durante o período da pandemia), sempre junto com a equipe da Vista Alegre, cujos designers se debruçaram na criação de protótipos.

Foto: Mariana Pekin



O copo de cristal chega ao Brasil em kits com duas unidades, embalados em caixa retangular preta com faixa retrô e com uma figura feminina. Para Luciana, o copo vem para valorizar ainda mais a nossa bebida. “*É uma jóia*”, afirma. Tudo a ver com a Vista Alegre, uma das mais conceituadas marcas de artigos de luxo do

mundo, uma das quatro produtoras de cristal do planeta. Uma empresa de Portugal, país que no século XVI trouxe para o Brasil as primeiras mudas da cana-de-açúcar. O kit com os dois copos de cristal e detalhe em ouro líquido será comercializado por R\$ 1,2 mil (www.vistaalegre.com e mkt@academiadacachaca.com.br). Uma versão em vidro já está sendo desenvolvida.

A bicentenária Vista Alegre – inaugurada em 1824 - foi responsável por alçar a porcelana ao status de obra de arte. Não à toa, a primeira unidade industrial portuguesa dedicada à produção da porcelana possui um museu próprio repleto de tesouros e também um hotel cinco estrelas. Um verdadeiro roteiro turístico em Ílhavo, sub-região de Aveiro, a 250 km ao Norte de Lisboa e a 82 km ao sul do Porto, encravada à beira-mar.

A Academia da Cachaça foi inaugurada em 25 de outubro de 1985 no Leblon e, quatro anos mais tarde, ganhou uma filial na Barra, também no Rio. Nasceu de um sonho acalentado e construído cuidadosamente para dar à cachaça o lugar merecido. A bebida, até então considerada de segunda categoria, passaria a ser reverenciada pelos paladares mais exigentes. No Brasil e no mundo. A casa também foi pioneira na elaboração da Carta de Cachaças, atualmente na terceira edição – são quase 100 rótulos avaliados por especialistas, com observações que representaram um novo salto de qualidade, no quesito de informação sobre a bebida.

A RELAÇÃO HISTÓRICA DOS PORTUGUESES COM A CACHAÇA DO BRASIL

Mãos portuguesas trouxeram para o Brasil as primeiras



Foto: Divulgação / Vista Alegre

mudas de cana-de-açúcar, em 1502, dois anos após o descobrimento. E foi necessário apenas pouco mais de uma década para o surgimento da cachaça, que teria sido destilada pela primeira vez entre 1516 e 1532, em qualquer uma das três versões da história, que apontam Pernambuco, Bahia ou São Paulo como os possíveis estados pioneiros. A versão pernambucana é mais fortalecida porque há registros de importação de açúcar de Pernambuco para Lisboa, em 1526.

Utilizando as técnicas de destilação da bagaceira produzida em Portugal, a cachaça está intimamente ligada à história e à cultura do Brasil. Segundo o SEBRAE – RJ, a bebida acompanhou a economia colonial: *“Estava no litoral quando no país predominava a cultura de cana-de-açúcar e foi para o interior, principalmente para*

Minas Gerais, quando ali começou a mineração de ouro e de pedras preciosas. E há quem diga até que ela era a bebida preferida dos Inconfidentes”.

Considerada bebida de classes menos favorecidas, a cachaça foi conquistando os paladares mais refinados e hoje é reverenciada no Brasil e no exterior – é o terceiro destilado mais consumido no mundo. Uma garrafa de “cachaça nobre”, com 21 anos de envelhecimento, chega a custar mais de U\$ 2000. Quem diria!

Legitimada como produto tipicamente brasileiro somente em 1996 – época em que o governo estabeleceu critérios rigorosos de fabricação e de comercialização –, em 2009 conquistou internacionalmente o direito absoluto do nome cachaça: *“denominação típica e exclusiva da aguardente de cana produzida no Brasil”*.

Hoje, todos os estados brasileiros produzem cachaça e há mais de quatro mil marcas registradas; o setor emprega aproximadamente 600 mil pessoas. A cachaça foi o primeiro produto brasileiro reconhecido como uma indicação geográfica (IG), no âmbito da Organização Mundial do Comércio. É a segunda bebida alcóolica mais querida pelos brasileiros, atrás apenas da cerveja e vem conquistando também cada vez mais os consumidores de todo o mundo.

As exportações do setor alcançaram mais de US\$ 20 milhões em 2022, um crescimento de 52,38% comparado a 2021, segundo dados do *Comex Stat* (Ministério da Economia), compilados pelo Instituto Brasileiro da Cachaça (IBRAC). Em volume, o aumento foi de 29,03%, totalizando mais de 9,3 milhões de litros. No ano passado, a bebida foi exportada para mais de



Foto: Rodrigo Azevedo

75 países, sendo que os principais foram: EUA, Alemanha, Portugal, França e Itália.

O COPO, POR FELIPPE JANUZZI (MAPA DA CACHAÇA)

Se o vinho, whisky, champanhe e até mesmo os coquetéis famosos, como o Dry Martini, possuem seus próprios copos, não era distante o sonho de ter um copo específico para a cachaça se os parceiros certos estivessem envolvidos. Para criar essa peça esteticamente atraente e capaz de maximizar os sabores do destilado brasileiro, a Vista Alegre e a Academia da Cachaça trabalharam em conjunto com um grupo de especialistas.

Após muitas discussões e experimentações, os designers da Vista Alegre começaram a trabalhar nos protótipos. Para a versão final, consideraram-se aspectos como a altura do copo, mais baixa para evitar a dispersão dos aromas, o formato arredondado do bojo, que realça a cor e a transparência, e o diâmetro estreito da borda, que atua na concentração e difusão dos aromas. Essa peça premium, feita à mão em cristal superior e adornada com pincel de ouro de 20,6 quilates, é sem dúvida o complemento à altura da bebida brasileira mais celebrada no mundo.

Como o copo da cachaça foi projetado?

- Copo premium de alta qualidade feito em cristal superior
- Decoração elegante de coroa gravada a fosco no cristal transparente e brilhante
- Detalhes em ouro pintados à mão com pincel

- Borda estreita para maior concentração dos aromas
- Bojo arredondado que realça a cor e a transparência e intensificando o aroma
- Altura baixa para evitar a dispersão dos aromas.

Detalhes técnicos do copo da cachaça

Material: Cristal 30% PbO

Fabricação: Manufaturado

Altura: 86mm

Comprimento: 63mm

Largura: 63mm

Capacidade: 120ml

Tipo de embalagem: Estojo com cinta

Assista o vídeo sobre o copo de cristal exclusivo para a degustação de cachaça:

<https://youtu.be/N1ZDpud-AiU>



Foto: Rodrigo Azevedo



Foto: Divulgação

“DEVANEIOS”, primeira individual da artista Clara Veiga, na Artur Fidalgo Galeria, RJ

Vanda Klabin | curadora

Clara Veiga desenvolve seu repertório visual tendo a água como elemento central, cuja origem está na memória que circunda o seu universo e evoca relações fluidas, amplas ou quase submersas. A água abriga silêncios e pausas e parece querer escutar os murmúrios do inevitável fluir do tempo. A água é um elemento plástico que irradia a ideia de uma matéria contínua, mas a artista desloca, por vezes, o centro da composição em direção às laterais, num processo de expansão que inunda e ativa a superfície da tela. Um espaço a ser conquistado. A água e suas inquietudes são constitutivas de uma identidade estética — um ativador poético, que geram extensos campos cromáticos direcionados aos devaneios, que parecem assimilar, de forma envolvente, outros lugares, outros espaços, outros mundos.

Está presente nessa temática o momento fugaz que se torna permanente pela imersão subjetiva de uma experiência vivenciada pela artista, incorporada através

da constante ideia de um vazio e da emergência de um imaginário oriundo de sonhos persistentes, que são aqui alojados no campo emocional e se ocupam de uma interrogação existencial. Mergulhos nos subterrâneos do inconsciente pessoal, que florescem no vocabulário de uma psique baseada no surgimento de sonhos, fantasias e conteúdos relacionados à experiência do indivíduo e suas interpretações simbólicas, e que possibilitam uma multiplicidade de sentidos. Esses sonhos convocam outras realidades, agregam um sentido ou nada de sentido, como uma porta entreaberta para a construção de metáforas ou para transcrever enigmas.

O significado das imagens, tendo a água como um destino essencial e uma representação simbólica, obedece a uma marcação interna, intensa e um mergulho no inconsciente. Traz uma experiência visual de envolvimento, imersiva e também meditativa, transmitida pelo en-



Foto: Divulgação



Foto: Divulgação

cadeamento entre as narrativas de suas propriedades transitórias, fugazes, efêmeras.

O real, o onírico e suas fabulações carregam suas reverberações para a prática artística de Clara Veiga. O persistente azul que se instala nas atmosferas aquosas continua o seu fluxo, mantém sua progressão, espalha-se em diversas direções, invadindo outras áreas da superfície como um eterno devir. Parece girar sobre si mesmo, revela uma variabilidade do real, território de uma gestação poética criada pela artista, que dialoga permanentemente com o desenho e a pintura.

Nos desenhos, através de gestos, Clara mexe com uma repetição na qual reside a musculatura do seu fazer artístico exclusivamente pictórico. A carga afetiva da cor, a manualidade do processo afeta a nossa retina, a pintura pela pintura, através de caneta esferográfica Bic ou do pincel e seus ziguezagues integrados. A superfície aquática, com sua intensidade colorística, é capturada em suas inquietas ambiguidades, entre o transitório e o permanente, e aponta, na sua emergência plástica, para a volatilidade dos possíveis acontecimentos. Na

sua formulação estética, a artista cria um sistema notacional, como um exercício manual em um limiar insatável para obter uma densidade expressiva e representar uma fugacidade, que se torna permanente através da pintura.

Segundo o filósofo Gaston Bachelard, a água é também um tipo de destino; o destino de um sonho que não se acaba, um destino essencial que metamorfoseia incessantemente a substância do ser: *“A água leva-nos. A água embala-nos. A água adormece-nos”*. Um pensamento poético que evidencia as rupturas, as fragilidades, as imperfeições que habitam o nosso mundo.

SERVIÇO

Exposição *Devaneios de Clara Veiga*

Inauguração: 7 de novembro, terça-feira, às 19h
Até 7 de dezembro

Artur Fidalgo Galeria

Rua Siqueira Campos, 143, 2º piso, loja 1, Copacabana,
Rio de Janeiro / RJ

Horário de funcionamento:

segunda a sexta, 10h às 19h

contato@arturfidalgo.com.br

AGUA
 por DEUS que te
 fez brotar E TE DIVIDIU
 EM 4 RIOS ordenando-
 te que irrigasses a
TERRA INTEIRA
 QUE NO DESERTO
 de amarga que eras TE TORNOU
 DOCE E POTAVEL E
 fez jorrar do **depois** te
 facias a sede do
POVO
 Bem-me-foi também
 por Jesus
CRISTO
 seu filho único
 Senhor que em Cana de
 Galiléia, por um admirável milagre
 os seus filhos se transformaram em
 vinho que andou
 sob a fé
 anfitrião que
 NA TUA CORRENTE DO
 JORDÃO FOI BAPTISADO
 POR JOÃO

Na Pinakotheke São Paulo, ANJOS COM ARMAS

Obras de Sergio Camargo,
 Lygia Clark, Mira Schendel
 e Hélio Oiticica reunidas
 em exposição que tem como
 ponto de partida o fascínio
 do crítico e curador britânico
 Guy Brett (1942-2021) pela
 produção artística brasileira
 e seu importante papel
 em sua internacionalização

Mira Schendel, *Sem título*
 (da série *Monotipias*), 1965
 Foto: Sergio Guerini



Lygia Clark, da esquerda para a direita: *Bicho caranguejo* e *Bicho desfolhado*, ambos 1960

Fotos: Jaime Acioli

Guy Brett foi o responsável por exposições de Sergio Camargo, Lygia Clark e Mira Schendel na lendária galeria *Signals* (1964-1966), em Londres, e depois, na galeria *Whitechapel*, também na capital inglesa, pela primeira mostra internacional de Hélio Oiticica. O crítico é celebrado na publicação *“Angels with Guns”* (*“Anjos com Armas”*), do historiador e filósofo Yve-Alain Bois, que publicou no ano passado (na revista *“October”*, do MIT) o ensaio sobre a produção de Guy Brett e sua profunda amizade com David Medalla. O livro, traduzido para o português, será lançado até dezembro pelas Edições Pinakothke junto com o catálogo da exposição.

Anjos com armas tem curadoria assinada por Max Perlingeiro. Ele explica que a exposição é um desdobramento da mostra *“Lygia Clark – 100 anos”*, realizada em 2021-2022, pela Pinakothke Cultural em suas sedes no Rio de Janeiro e em São Paulo, e aponta alguns destaques: conjunto de Bichos, de Lygia Clark, em alumínio: *Bicho ponta* (1960), *Bicho invertebrado* (1960), *Bicho caranguejo* (1960), *Bicho desfolhado* (1960), *Bicho-contrário II* (1961); o *Relevo espacial* (c. 1959), em acrílica sobre madeira, de Hélio Oiticica; e o *Relevo nº 172 (Fendituraspazioorizzontalelungo)*, de 1967, em

madeira pintada, de Sergio Camargo. O *“Diário de Londres”* (1966), de Mira Schendel, é outro ponto alto da mostra – ao que tudo indica, nessa obra a artista utiliza pela primeira vez as letras decalcadas (letraset).

CONTRACULTURA NOS ANOS 1960

Na exposição *“Lygia Clark – 100 anos”*, Max Perlingeiro contou com a colaboração de Yve-Alain Bois (Constantine, Argélia, 1952), crítico, historiador e filósofo da arte, amigo próximo de Lygia Clark, e pesquisador no *Institute for Advanced Study*, em Princeton, EUA. No ano passado, Yve-Alain Bois publicou na *“October Magazine”*, do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), o ensaio *“Angels with Guns”* (*Anjos com armas*), onde faz reflexões sobre o pensamento de Guy Brett (1942-2021) e o artista filipino David Medalla (1942-2020), amigos por toda a vida e fundadores da lendária galeria *Signals* em Londres. *“Contracultura para eles era tudo que saía do mainstream, e não tinha nada mais fora do mainstream do que a arte latino-americana na Inglaterra dos anos 1960”*, observa Max Perlingeiro.

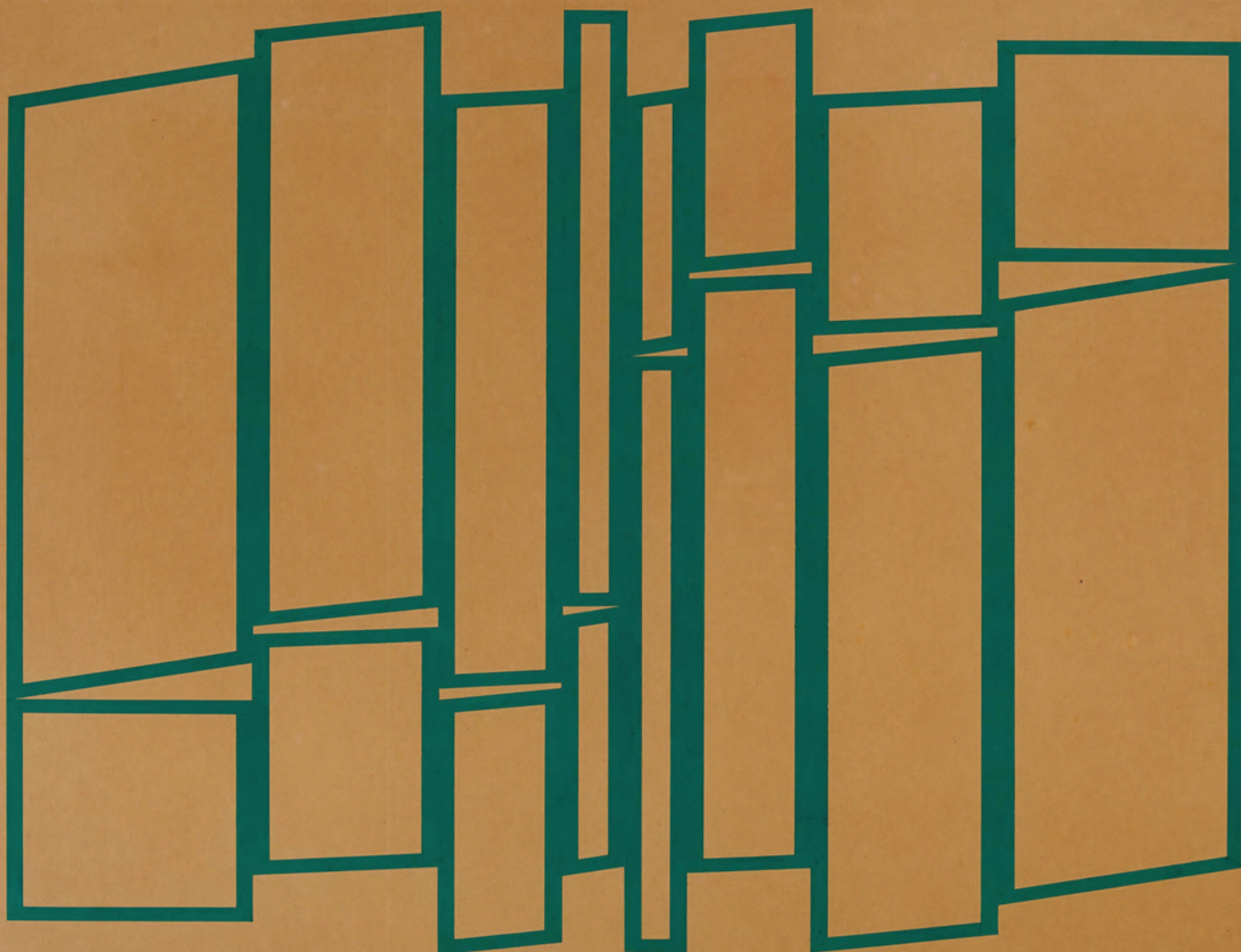
Guy Brett sempre foi a grande referência para uma melhor compreensão da produção artística no Brasil a par-

tir dos anos 1960. Sua amizade com artistas como Sergio Camargo, Hélio Oiticica, Lygia Clark e Mira Schendel, na década de 1960, e, mais tarde, com Lygia Pape, Cildo Meireles, Antonio Manuel, Tunga, Waltercio Caldas, Regina Vater, Roberto Evangelista, Maria Thereza Alves,

Jac Leirner, Ricardo Basbaum e Sonia Lins, propiciou a divulgação da produção artística brasileira através de diversos artigos e livros. Para Max Perlingeiro, *“o livro Brasil experimental-arte/vida: proposições e paradoxos (editora Contracapa, 2005), com textos de Guy Brett*

Helio Oiticica, *Voo alto pra cima pra dentro e pra fora* (da série *Metaesquema*), 1958

Fotos: Jaime Acioli



sobre esses, com organização e prefácio de Katia Maciel, e tradução de Renato Rezende, é leitura obrigatória”.

ANJOS COM ARMAS – LIVRO EM DOIS VOLUMES

Ao longo do período da exposição, em dezembro, será lançado pela Edições Pinakothke o livro bilíngue *“Anjos com Armas”*, em dois volumes: o primeiro com a tradução em português de *“Angels with Guns”*, de Yve-Alain Bois; o segundo sobre a mostra, com apresentação de Max Perlingeiro, imagens das obras e textos sobre os quatro artistas escritos por Guy Brett, além de um artigo de Luciano Figueiredo, que em 2017 organizou, com Paulo Venâncio, no Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro, a exposição *“Guy Brett: a proximidade crítica”*, em *“reconhecimento ao longo interesse intelectual e afetivo por nossos artistas”*, assinala Max Perlingeiro.

SERVIÇO

Exposição *Anjos com armas* – Sergio Camargo, Lygia Clark, Mira Schendel e Hélio Oiticica

Até 16 de dezembro

Pinakothke São Paulo

Rua Ministro Nelson Hungria, 200, Morumbi, São Paulo / SP – Tel.: (11) 3758-0546

Horários: segunda a sexta, das 10h às 18h

sábados, das 10h às 16h

Entrada gratuita



Sergio Camargo, *Relevo nº 172 (Fenditura spazio orizzontale lungo)*, 1967
Foto: Ding Musa

Sala de Mapas

*Instituto Cervantes
Rio de Janeiro
exibe mostra
itinerante de pinturas
do artista espanhol
Pablo Sycet*

Concebida como uma aventura emocional, a exposição “Sala de Mapas”, individual de Pablo Sycet – que apresenta obras usando técnica mista sobre papel – explora suas memórias afetivas resgatando lembranças de suas primeiras visitas a algumas cidades do Brasil, há duas décadas.

Tomando o avião como ponto de partida e suporte da trama, o artista acabou expandindo sua experiência de viagem para ou-



Pablo Sycet, *Del ciprés al laberinto*

Foto: Divulgação

tras cidades que foram fundamentais (e sentimentais) para a sua carreira. Na mostra, Pablo utiliza fragmentos aleatórios da cartografia de São Paulo, Havana, Istambul, Lisboa, Nova Iorque, Madri e Granada.

“Procurei recuperar e recriar no papel, aquelas sensações vivenciadas em primeiras incursões àquelas cidades. Vários anos se passaram até que eu pudesse projetá-las nesta ficção pictórica representada. São os traços mais íntimos de uma outra educação sentimental”, revela Pablo Sycet.

“Sala de Mapas” é uma exposição itinerante, já foi exibida no Instituto Cervantes de São Paulo, ocasião em que foi publicado *“Map Room”*, poema homônimo de Juan Manuel Bonet, acompanhado de algumas pinturas desta série. A mostra conta com a colaboração da Fundação Olontia.

SAIBA MAIS SOBRE PABLO SYCET

Quando os mapas ainda não eram instrumentos de uso diário, exceto para profissionais do turismo e disciplinas acadêmicas ligadas à geografia, Pablo Sycet Torres nascia, em 1953, em Huelva, pequena cidade portuária ao sul de Espanha, sem qualquer tradição familiar no mundo da arte. Embora a pintura seja a sua principal manifestação artística, também atua como curador de exposições, editor, designer gráfico, letrista de inúmeras canções e produções musicais, além de ser um dos arquitetos em atividade artística na capital desde os anos da *Movida Madrileña* (movimento disruptivo cultural importantíssimo na Espanha, tendo Almodóvar como um dos personagens de destaque).

Desenvolveu sua carreira profissional em Madri. Sua primeira individual, *“Gestos”*, foi em 1978, na Galeria Antonio Machado.

SERVIÇO

Exposição *“Sala de Mapas”* – Pablo Sycet

Abertura: 7 de novembro, às 19h

Visitação: de 8 de novembro a 15 de dezembro

Sala de exposições do Instituto Cervantes

Rua Visconde de Ouro Preto, 62, Botafogo, Rio de Janeiro / RJ

Funcionamento: de segunda a sexta, das 9h às 19h; aos sábados, das 9h às 15h

Link para a inauguração no Sympla:

<https://www.sympla.com.br/evento/inauguracao-exposicao-sala-de-mapas/2161070?referrer=www.google.com>

Pablo Sycet, *Geografia y costumbres*

Foto: Divulgação





O Passeio Público, primeiro parque da cidade do Rio de Janeiro, é o tema da exposição homônima que chega à Caixa Cultural, com curadoria de Carolina Rodrigues, Daniela Name e Paula de Oliveira Camargo. A partir de suas memórias e imaginações, o jardim projetado por Mestre Valentim no século XIX é abordado por obras inéditas de 18 artistas nacionais, com linguagens, trajetórias e origens diversas.

Os participantes desenvolveram trabalhos para pensar, a partir desse espaço, a trajetória do país e seus múltiplos processos de ocupação urbana e de embates político-sociais. A mostra *Passeio Público* marca ainda a chegada da Caixa Cultural Rio de Janeiro à Cinelândia, construindo uma ponte entre as galerias de arte e o seu entorno. Abandono, desigualdade social, processos de “revitalização”, exploração humana, preconceitos, ten-



Denilson Baniwa, de cima para baixo: *Lagoa do Boqueirão antes da Lapa* e *A revolta das jubartes*

Foto: Divulgação

tativas de controle da natureza e até mesmo histórias de amor estão discutidas nas obras que ocupam duas galerias e em instalações e ações que acontecerão em pleno parque.

Participam da exposição Ana Kemper; André Vargas; Barbara Copque; Denilson Baniwa; Di-
ambe da Silva; Eloá Carvalho; Gabriel Haddad
e Leonardo Bora; Gilson Plano; Ivan Grilo;
Luana Aguiar; Mano Penalva; Mariana Maia;
Moisés Patrício; Rafael Amorim; Raul Leal,
Ronald Duarte e Zé Carlos Garcia.

– *O projeto foi concebido especialmente para a Caixa, que passa a ocupar galerias vizinhas ao Passeio, e sempre tendo em vista a importância desse jardim projetado por Mestre Valentim para a cidade e, mais do que isso, para o imaginário do Rio de Janeiro. Não estamos propondo uma abordagem nostálgica, mas o entendimento de que ele foi e ainda é, um lugar de disputa e de muitas contradições no território carioca* –, observa a crítica de arte Daniela Name, uma das curadoras da exposição e coordenadora da Caju, plataforma que idealizou a mostra.

Construído entre 1779 e 1783, o Passeio Público foi uma iniciativa do vice-rei Luís de Vasconcelos, que dizia querer oferecer ar puro para a população. Foi o primeiro parque público do Brasil, e criou, apenas para a elite colonial, uma nova prática: a de sair para



Ana Kemper, *coMutação – composição 2*

Foto: Divulgação

passear nos espaços da cidade. A  rea verde reuniu esculturas, monumentos, pinturas ovais de Leandro Joaquim e mirantes que traziam   população a oportunidade de admirar o mar.

Muitas histórias estão por tr s desse espaço do Rio de Janeiro, um marco histórico e arquitet nico, mas também um território em disputa na cidade. Ao longo do tempo, o Passeio sofreu violentas intervenções do homem na natureza, como o aterro da Lagoa do Boqueirão, única no Rio com ligação direta com o mar. Muitas foram as reformas, assim como os momentos de suposto abandono, isso é, períodos em que o parque deixou de chamar a atenção das camadas mais privilegiadas da população.

Seus espaços ainda guardam memórias que aparecem recontadas nas obras de arte presentes em *Passeio Público*, como a encomenda do vice-rei para Valentim

da Fonte dos Amores, que pretendia imortalizar sua paixão por uma moça pobre. Seus tesouros arquitet nicos e naturais também são trazidos à tona, como o baobá centenário, que ainda se encontra na área verde. A  rvore originária do continente africano guarda a lembrança das lavadeiras e da população menos abastada, que ocupava a região até o século XVIII e deixou de ser bem-vinda, quando a elite carioca passou a frequentar o local.

– *Esse território é composto de vários aterramentos que também significam o aterramento de memórias e de histórias. Apostamos na diversidade de linguagens e de pesquisas na seleção dos artistas, que puderam somar na construção de uma coletânea visual de histórias que emergem perspectivas que foram soterradas, ficcionalizando um passado mais justo e apontando para o futuro por meio de uma dimensão crítica do presente* – afirma a curadora Carolina Rodrigues.

A arquiteta e urbanista Paula de Oliveira Camargo completa o trio curatorial. Ela destaca que o território da cidade, especialmente o da sua região central, é marcado por diversos movimentos de violência contra a paisagem da cidade. Para além do desmonte de morros e do aterramento de lagoas, obras de urbanização do século XX trouxeram uma desterritorialização do Passeio Público, fazendo com que perdesse seu lugar de destaque junto ao mar para se tornar um enclave gradeado em meio a rodovias.

– *Esses movimentos evocam memórias de histórias que existiram, mas também daquelas que poderiam existir, as histórias que podemos traçar a partir do reconhecimento desse espaço como um lugar de conflitos e contradições desde sua criação* – diz Paula.

A programação da exposição conta ainda com um debate com o escritor e historiador Luiz Antônio Simas, a arquiteta Melissa Alves e o psicanalista André Abu-Merhy. O público infantil contará com uma visita guiada realizada pela educadora Priscila Medeiros.

A exposição pretende mostrar novas formas de olhar para memórias e imaginações, retratando a história do Passeio Público por meio da arte e promovendo, a partir das discussões, a sua revitalização.

A mostra tem patrocínio da Caixa, realização da V Arte, coordenada por Jocelino Pessoa, e idealização e coordenação de conteúdo da Caju Conteúdo e Projetos. A expografia é da GRU.A Arquitetos, enquanto o design e a identidade visual estão a cargo de Clara Meliande e Julia Sá-Earp, do Estúdio Afluente.



ARTISTAS E OBRAS

ANA KEMPER

Artista e pesquisadora interdisciplinar. A instalação *Comutações* reúne vídeos, fotografias, poemas e livros cujas páginas receberam intervenções de fita isolante preta, de modo a apresentar nas páginas os processos de lapsos e apagamentos que ocorrem na memória. Completam o trabalho três vaporizadores que exalam para o ambiente aromas de óleos essenciais de jurema, colônia e aroeira, três plantas presentes na Mata Atlântica, que ocupavam originariamente o território tupinambá onde hoje está o Passeio.

ANDRÉ VARGAS

Artista visual, poeta, compositor e educador carioca. O artista, cuja trajetória é marcada pelo uso das palavras em diferentes suportes, participa com uma bandeira verde, alusiva à bandeira brasileira, que traz a imagem de uma liteira onde se vê duas pessoas e uma chama. O trabalho remete a uma apropriação do território onde foi implantado o Passeio Público, assim como a um deslocamento das práticas sociais até então nele realizadas, denunciando sua elitização.

BARBARA COPQUE

Ela apresenta um lambe-lambe de grandes dimensões com a imagem do baobá do Passeio, o maior exemplar desse tipo de árvore no Rio de Janeiro. Sobre o lambe, instala um conjunto de fotos lenticulares, registrando outras imagens do jardim público e insinuando a possibilidade de convivência de tempos distintos – os da memória, os imaginários – no mesmo espaço. Expõe também uma série de fotografias onde se debruça sobre a enorme quantidade de cadeiras de engraxate existentes ao redor do Passeio Público, todas elas fechadas nesse momento pós-pandemia de esvaziamento do Centro do Rio.

DENILSON BANIWA

Nascido em Barcelos, no interior do Amazonas, Denilson Baniwa é indígena do povo Baniwa. O artista se apropria de duas pinturas ovais de Leandro Joaquim, feitas originalmente para os mirantes do Passeio Público: *Pesca da baleia na Baía de Guanabara* e *Lagoa do Boqueirão e Aqueduto da Carioca*, criadas na segunda metade do séc. XVIII para compor as galerias do Passeio Público. Ele cria obras digitais que subvertem radicalmente as imagens originais.

DIAMBE DA SILVA

Nascida e criada na periferia do Rio de Janeiro, a artista criou um conjunto escultórico – *Meu nome é vento, vento é meu nome, A dangerous messenger II e Amor e saudade* – que faz alusão à paisagem que era vista dos mirantes do Passeio Público, especialmente à montanha do Pão de Açúcar, cujo nome está ligado ao processo de exploração colonial da cana para lucro da metrópole portuguesa.

ELOÁ CARVALHO

Na exposição apresenta dois trabalhos: *Vamos acabar de vez com esses trambochos*, pintura que lembra edifícios emblemáticos demolidos no entorno do jardim; e *Contradições*, um conjunto de frases publicadas em jornais de várias épocas, ou em obras literárias, em pinturas sobre cartão, montando um conjunto discursivo que narra uma história de apagamentos, demolições e renovações urbanas

GABRIEL HADDAD E LEONARDO BORA

A dupla de artistas, responsável pelo carnaval da escola de samba Acadêmicos do Grande Rio, propõe uma instalação sem título, de grandes dimensões, composta por três enormes lençóis de tons de azul, nos quais se vê a silhueta das esculturas de garças de Mestre Valentim.

GILSON PLANO

Na mostra, propõe a desconfiguração das diferentes camadas de temporalidade na planta do território do Passeio Público, considerando a extinta Lagoa do Boqueirão, o projeto de jardim francês do Mestre Valentim e posterior reforma de Glaziou, formando diversas peças que se reúnem em uma escultura abstrata que propõe um jogo que nunca poderá ser ativado.



O pórtico do Passeio em 1835, numa gravura de Karl Von Thiermin

IVAN GRILLO

O artista investiga e agencia arquivos históricos, narrativos e fotográficos. Para esta exposição, pesquisou as esculturas dos jacarés presentes na Fonte dos Amores, criada por Mestre Valentim, assim como as garças que constituíam essa cena e foram deslocadas para o Jardim Botânico, na zona sul carioca. A história de amor comissionada pelo Vice-rei Luís de Vasconcelos é apresentada em *O amor que virou jardim (ou jacaré quer me abraçar)*, uma obra narrativa que mescla texto, imagens e escultura em cerâmica, material que pressupõe o fazer com as mãos, prática comum a Grillo e Valentim.

LUANA AGUIAR

Desenvolve, desde 2008, trabalho artístico com o corpo em performances ao vivo, vídeos e fotoperformances. *A fonte e a noiva* (homenagem a Nicolina Vaz de Assis), obra idealizada especificamente para *Passeio Público*, busca reativar o espaço por meio de um tapete de flores brancas e folhagens que terá início na entrada do *Passeio*, indo até o pequeno lago onde se encontra a réplica da escultura *A Fonte de Tritão*, cujo original foi furtado em 1993.

MANO PENALVA

O artista tem a obra marcada pelo manejo de um vocabulário da artesanaria, de materiais e de um imaginário da cultura popular. Em *Passeio Público*, Mano revisita seu repertório a partir do diálogo com o projeto de Mestre Valentim para o jardim.

MARIANA MAIA

Mariana trabalha com diferentes linguagens e apresenta a obra *Olossá*, que remete à orixá das águas em duas pinturas sobre tecido Oxford, além de uma bacia de alumínio com miçangas que evocam a memória das lavadeiras, também presentes nas telas de Leandro Joaquim, para o interior da galeria. Além disso, a artista realizará a performance *Trouxa Corpo*, em que “lava” imagens impressas em tecido nas águas do passeio público.

MOISÉS PATRÍCIO

Muito ligado às práticas rituais e religiosas que chegaram ao Brasil com a diáspora africana, o artista propõe um *Tributo a vida e obra do Mestre Valentim da Fonseca e Silva*, instalação na qual homenageia o arquiteto e artista que criou o *Passeio Público* com um trabalho que é ao mesmo tempo percurso e oferenda.

RAFAEL AMORIM

Artista visual, poeta e pesquisador carioca. Na exposição, se debruça sobre narrativas ligadas ao *Passeio Público* no início do século XX, especificamente com as histórias de Madame Satã, que é evocada junto a suas amigas numa roda que outrora foi proibida de figurar no parque sob a luz do dia. Juntando trechos de histórias reais dessa personalidade com um presente ficcionalizado, Rafael traz à tona a narrativa de grupos sociais velados por um projeto higienista de cidade.

RAUL LEAL

Com desenhos feitos em placas de madeira com a técnica de pirografia (que usa o fogo para queimar a superfície), Leal pensa na fauna e na flora confinadas e exposta a inúmeros riscos nos vários momentos históricos do *Passeio*. Ao longo de sua trajetória, o artista tem utilizado os meios da pintura, desenho, fotografia, instalação e vídeo.

RONALD DUARTE

Amor carnal é uma ação proposta para a abertura da exposição, na qual o artista vai encher a Fonte dos Amores, hoje seca, com água tingida de um corante natural vermelho (feito de beterraba e inofensivo ao meio ambiente). As esculturas de jacaré criadas por Mestre Valentim receberão nacos de fígado cru bovino nas bocas. A intervenção vai gerar um vídeo, editado e instalado na galeria da CAIXA na semana seguinte à abertura.

ZÉ CARLOS GARCIA

O repertório visual de Mestre Valentim – dono de um barroco assombrado pela iconografia maçon, formas vegetais e animais e uma iconografia celeste – foi o ponto de partida do escultor, que apresenta seis diferentes peças em madeira e outros materiais em *Passeio Público*. Em uma delas, de grandes dimensões, Garcia insinua um símbolo de infinito no espaço expográfico, dialogando com a proposta de tempo desdobrado entre memórias e imaginações proposto pela curadoria.

SERVIÇO

Exposição *Passeio Público*

Até 17 de dezembro – Caixa Cultural Rio de Janeiro

Rua do Passeio 38, Centro, Rio de Janeiro / RJ | Entrada Gratuita

Visitação: terça a sábado, 10h às 20h / domingos e feriados, 11h às 18h

Hotsite *Passeio Público*: passeiopublico.teiacritica.com.br



Ricardo Ribenboim,
Amazônia
Foto: Divulgação

RASTRO DOS RESTOS

Nova exposição do MAC USP reúne obras
de Ricardo Ribenboim

Com curadoria de Rachel Vallego, a mostra apresenta mais de 80 trabalhos recentes do artista, produtor e gestor cultural. Entre memórias e influências de artistas brasileiros, todo o processo criativo de Ribenboim é desenvolvido através de coleta, guarda, construção e reconstrução aplicadas em esculturas de metal e madeira, pinturas e colagens

Em *Rastro dos Restos*, o artista evidencia seu procedimento de trabalho a partir da ação do tempo sobre ideias e materiais que recolhe, observa, avalia os significados e então utiliza na construção de suas obras. Cacos, gravetos, retalhos, troncos calcinados, raízes do mangue, metais fundidos, chapas enferrujadas ou um giz de cera de seu neto encontram os restos do cotidiano do ateliê ao lado de suas memórias e dos registros de sua trajetória.

“Tudo funcionando como peças de um jogo em que o primeiro movimento no tabuleiro é dado por um desses elementos. Cada movimento dessa partida imaginária resulta em obras que por sua vez alimentam a próxima jogada”, diz a curadora Rachel Vallego. Todo esse processo de coleta, guarda, construção e reconstrução, pode ser visto em quatro grandes séries: Riscos no Espaço, Mirandas, In Memoriam e Rastro dos Restos, que possibilitam diferentes leituras.

Ricardo Ribenboim, *Sem título*
Foto: Divulgação



A admiração de Ribenboim por artistas brasileiros, como José Resende, Frans Krajcberg e Waltercio Caldas se evidencia nas esculturas em metal e madeira chamadas pelo artista de *Riscos no Espaço*; ou por Mira Schendel e Willys de Castro nos objetos de parede em *Miradas*.

A série *In Memoriam* de pinturas sobre lona e folha de ouro – que aborda a discussão política e ecológica tomando um corpo poético –, e a série que dá nome a exposição *Rastro dos Restos*, em que o procedimento da colagem com todo tipo de material disponível no ateliê, incluindo obras antigas ou seus fragmentos, são continuamente transformadas.

SOBRE O ARTISTA

Ricardo Ribenboim foi aluno de Evandro Carlos Jardim e da Escola Brasil, sob a orientação de José Resende e

Carlos Fajardo. Em 1974, participou da Bienal de São Paulo e trabalhou como designer gráfico até 1990. Nos anos 1980, criou o Museu Brasileiro do Papel, posteriormente incorporado ao MAC USP. Foi diretor do Paço das Artes e do Itaú Cultura, sendo responsável pela criação dos Eixos Curatoriais, das Enciclopédias em meio digital e do *Programa Rumos* – que considera uma de suas grandes obras.

SERVIÇO

Exposição *Rastro dos Restos* – Ricardo Ribenboim

Até 10 de março de 2024

Museu de Arte Contemporânea da USP

Avenida Pedro Álvares Cabral, 1301, Ibirapuera, São Paulo / SP

Horários: terça a domingo, das 10h às 21h

Entrada gratuita

Mais informações:

MAC USP – Tel.: (11) 2648-0254



Ricardo Ribenboim,
Sem título
Foto: Divulgação

Na Galeria Mario Cohen, SP, UMA FLOR NÃO É UMA FLOR

*Mostra do fotógrafo Edo Costantini exhibe série de fotografias inéditas
e marca primeira exposição individual do multiartista argentino na América do Sul*

Colourful leaves pink, 2022



A Galeria Mario Cohen realiza, até dia 25 de novembro, a exposição *Uma Flor Não É Uma Flor*, do fotógrafo argentino Edo Costantini. Com passagem por galerias em Nova York, Miami, México e Argentina, a mostra marca a primeira vez em que o artista expõe seu trabalho de forma individual na América do Sul. A exposição é composta por uma série inédita de 11 obras, que retratam a efemeridade da natureza.

Com a curadoria de Clara Ríos, que atua em galerias e museus como o MALBA (Museu de Arte Latino-Americana de Buenos Aires), a exposição reúne fotografias inéditas sobre a impermanência e a fragilidade da natureza, captadas nos arredores de Katonah-Bedford Hills, Nova York, onde o fotógrafo mora e trabalha há dez anos.

“À luz da atual urgente crise climática, procuro documentar a própria natureza; a iminência da morte através da mutabilidade das estações que evidencia as mudanças drásticas que estão ocorrendo ao nosso redor. Assim, procuro captar uma história, a abertura de uma flor, o brilho do sol nas folhas secas; a transitoriedade da vida, o fim inevitável de cada uma de suas fases e o nascimento de uma nova vida”, explica Edo.

O trabalho de Edo como fotógrafo gira em torno do sublime da natureza, retratado através de representações etéreas das florestas do norte do estado de Nova York. Sua série *“A flower is not a flower”* foi exibida na galeria *Olsen Gruin*, em Nova York, como parte da exposição de inverno *In Sight*. Já em 2021, seu trabalho integrou a *Rhythms in Nature*, do *Miami Yoga Garage* e, em 2022, a exposição inaugural da Galeria



Yellow, Red and Green Leaves, 2020

JSL em Miami. No mesmo ano, as fotografias do artista estiveram presentes na SP-Arte; neste ano de 2023 foram apresentadas na 13ª edição da ArtRio, em setembro.

Além da fotografia, o artista também se destaca em outras áreas, como compositor e cineasta, produzindo vários filmes premiados, incluindo *Tropa de Elite*, vencedor do Urso de Ouro em Berlim em 2008, e *El llano en llamas*, de Guillermo Arriaga, entre outros. De 2001 a 2006, também atuou como diretor executivo do MALBA, Museu de Arte Latino-Americana de Buenos Aires.

SERVIÇO

Exposição *Uma Flor Não É Uma Flor* – Edo Costantini

Até 25 de novembro

Galeria Mario Cohen

Rua Capitão Francisco Padilha, 69, Jardim Europa, São Paulo / SP

Funcionamento: de terça a sexta, das 11h às 19h; aos sábados, das 11h às 17h

Entrada gratuita

Hiromi Nagakura até a Amazônia com Ailton Krenak



*Mostra fotográfica
no Instituto Tomie Ohtake
exibe registros
das viagens da dupla
ao longo de cinco anos*



“Momentos de intimidade e contentamento entre ‘amigos para sempre’ inspiraram esta mostra fotográfica, mediada por encontros com algumas das pessoas queridas que nos receberam em suas cozinhas e canoas, suas praias de rios e nas aldeias Ashaninka, Xavante, Krikati, Gavião, Yawanawá, HuniKuín e comunidades ribeirinhas no Rio Juruá e região do lavrado em Roraima”, destaca Krenak, curador da exposição. As viagens alcançaram os estados do Acre, Roraima, Mato Grosso, Maranhão, São Paulo e Amazonas.

Algumas obras dos territórios em conflito fazem parte da mostra, contudo, os trabalhos do fotógrafo em *Hiromi Nagakura até a Amazônia com Ailton Krenak* concentram-se nos registros permitidos realizados nas viagens que realizaram principalmente pelo território amazônico. Os percursos abarcaram quase cinco anos, de 1993 a 1998, dezenas de horas, duas vezes por ano, sempre na companhia da produtora e intérprete Eliza Otsuka. A exposição, acompanhada de encontros e lançamento de livro, é o resultado de uma “união de

esforços para fazer uma celebração em torno dessa amizade alimentada pelo sonho e beleza da obra do fotógrafo Hiromi Nagakura”, ressalta Eliza Otsuka.

Krenak e Nagakura se conheceram na sede da Aliança dos Povos da Floresta, no bairro do Butantã, em São Paulo, quando Eliza apresentou o plano de viagens de Nagakura. O curador revela que não esquece a forma como ela resumiu o conceito todo do projeto naquela tarde: *“Ele vai ser a sua sombra por onde você for, quando estiver dormindo e quando estiver acordado”,* recorda-se Krenak. E toda essa história está reunida em um dos livros escrito em nihongo, publicado pela editora Tokuma (Tóquio, 1998), sob o título *Assim como os rios, assim como pássaros: uma viagem com o filósofo da floresta, Ailton Krenak*, assumido por Krenak como a sua biografia feita por Hiromi Nagakura.

“Nagakura-san é um samurai. Sua espada é uma câmera que ele maneja com a segurança de quem já passou por campos de refugiados e esteve no centro

das praças de guerra, por lugares como África do Sul, Palestina, El Salvador e Afeganistão. Depois desse mergulho no inferno global, quando sentiu de perto a loucura dos seres humanos, o samurai da câmera descobriu a floresta amazônica e seus povos nativos”, escreve Krenak no início de seu texto curatorial.

As viagens de Krenak e Nagakura já foram registradas anteriormente no Japão em livros, exposições e documentários para a NHK. O livro *Seres Humanos – Amazônia*, lançado em 1998 em Tóquio, teve enorme repercussão e foi seguido de duas exposições e exibição em programas na TV com muita mídia voluntária, um espaço raro para o reconhecimento do Brasil, Amazônia e povos indígenas. *“Acompanhei, como convidado especial, Hiromi Nagakura em programas ao vivo na TV em horário nobre, antecedido por fala de fim de ano do imperador. Não foi pouca coisa o impacto dessas exposições e livros-reportagens para a formação de uma opinião pública esclarecida sobre a realidade dos Yanomami e Xavante, e da Amazônia mesma. Afinal, nós andamos por dezenas de aldeias nas cabeceiras dos*

rios Juruá, Negro e Demini, Tarauacá e rio Gregório, além de cortar estradas pelo cerrado e regiões de florestas onde a vida continua vibrante como nos primórdios da criação”, completa Krenak.

Uma publicação, editada pelo Instituto Tomie Ohtake, marca a exposição, ao reunir um conjunto de obras de Nagakura e ensaios assinados por Angela Pappiani, Claudia Andujar, Laymert Garcia dos Santos, Lilia Moritz Schwarcz e Priscyla Gomes. A exposição é patrocinada por Bradesco, Meta Brasil e Boston Consulting Group (BCG).

SERVIÇO

Exposição *Hiromi Nagakura até a Amazônia* com Ailton Krenak

Até 4 de fevereiro de 2024

Instituto Tomie Ohtake

Av. Faria Lima 201 (Entrada pela Rua Coropés 88),
Pinheiros, São Paulo / SP

Metrô mais próximo – Estação Faria Lima/Linha 4 – amarela
Tel.: (11) 2245-1900

Horário de funcionamento:

de terça a domingo das 11h às 19h

Entrada gratuita





Foto: Site do Theatro / Reprodução

O NAVIO FANTASMA, de Richard Wagner, e uma programação dedicada ao DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA no Theatro Municipal de São Paulo

Entre os dias 17 e 25 de novembro, a Sala de Espetáculos recebe O Navio Fantasma, clássico de Wagner em grande produção, misturando fantasia à estética das graphic novels. O Theatro também celebra o Dia da Consciência Negra com três eventos na semana: Teatro no Theatro apresenta O Averso da Pele e Encontro com Autores com Jeferson Tenório e Conceição Evaristo. Além disso, projetos especiais como Samba de Sexta e Rima Falada celebram a diversidade e cultura afro-brasileira

Encerrando a temporada de óperas de 2023, o Theatro Municipal de São Paulo apresenta na Sala de Espetáculos o clássico do alemão Richard Wagner, *O Navio Fantasma*, com toques de fantasia e linguagem adaptada do universo das graphic novels. A obra será apresentada pela Orquestra Sinfônica Municipal e Coro Lírico Municipal. O mês também contará com espetáculos especiais para o Dia da Consciência Negra, como a peça *O Averso da Pele*, baseada na obra de Jeferson Tenório, artista que estará presente também no *Encontro com Autores*, e um bate-papo com Conceição Evaristo.

Ainda em novembro, a Orquestra Experimental de Repertório apresenta *Pedro e o Lobo*; o Coral Paulistano traz um programa chamado *Novas Sonoridades* e o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo, o concerto intitulado *Lírico e a Cavatina*.

OS DETALHES DA PROGRAMAÇÃO

Em grande produção, *Der Fliegende Holländer (O Navio Fantasma)* é uma bela mistura entre um enredo de ficção fantástica com forte sobriedade em sua concepção visual. Com direção cênica do argentino Pablo Maritano, a ópera terá direção musical de Roberto Minczuk, Mário Zaccaro como regente do Coro Lírico e Desirée Bastos na cenografia e figurino.

A ópera narra a história de um navegador holandês amaldiçoado por blasfemar contra Deus, condenado a vagar pelo mar eternamente a menos que encontre uma mulher que lhe seja fiel até a morte. Ao chegar ao

porto, o holandês oferece uma fortuna em ouro e joias a outro navegador, em troca da mão de sua filha, Senta. Senta já conhecia a lenda do Holandês Voador, mas é cortejada por Erik, um caçador, que fica enciumado toda vez que ela faz referência ao holandês. A ópera trata da redenção através do amor e tem uma duração total de aproximadamente 140 minutos.

Ainda em novembro, o Theatro Municipal recebe a ópera *A Noiva do Mar*, com direção cênica e dramaturgismo de Jaoa de Mello, regência de Kaique Stumpf, Marina Figueira no piano, iluminação de Felipe Tchaça e direção de arte de Victor Paula.



O projeto tem como objetivo a apresentação da ópera de Lygia de Biase Bidart, compositora brasileira do século XX de grande produtividade composicional, mas pouca visibilidade nos meios acadêmico e musical. Baseado no conto *A Noiva do Golfinho*, de Xavier Marques, a ópera *A Noiva do Mar* conta a história de Marina, uma órfã que, ainda criança, apareceu misteriosamente na ilha de Tinharé (litoral baiano) e foi adotada por um casal de idosos: Joana e José.

CELEBRANDO O 20/11 – DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

O início das homenagens acontece no dia 16 de novembro, às 19h, no Salão Nobre: *Encontro com Autores* com a participação do escritor Jeferson Tenório, professor e pesquisador brasileiro, radicado em Porto Alegre e vencedor do Prêmio Jabuti por seu romance, *O Averso da Pele*. O evento terá a mediação de Raquel Cozer, jornalista e editora.

No dia 20, às 18h, o espetáculo *O Averso da Pele* será exibido. Determinado a investigar suas origens e o passado de seu pai, Henrique, Pedro mergulha em uma jornada que lança luz sobre questões de paternidade em um país marcado pelo racismo, enquanto explora os caminhos que levam ao afeto e à redenção. O espetáculo é um trabalho do Coletivo Ocutá com Beatriz Barros na direção, além de grande elenco.

No dia 23 de novembro, às 19h, será a vez do encontro literário com a escritora Conceição Evaristo, uma das vozes mais influentes da literatura brasileira contemporânea, em mais um *Encontro com Autores*. O evento contará com a mediação de Catita, escrevinhadora e professora.



Jeferson Tenório,
Foto: Carlos Macedo /
Divulgação



Conceição Evaristo,
Foto: Richner Allan /
Divulgação Itaú Cultural

Informações completas sobre a programação do mês no site oficial do Theatro.

SERVIÇO

Theatro Municipal

Praça Ramos de Azevedo, s/nº, Sé, São Paulo / SP

<https://theatromunicipal.org.br/pt-br/>

TRANSEUNTE, de Andre Baía,
e 8 DE JANEIRO – JAMAIS FOMOS MODERNOS,
de Alex Frechette,
ocupam o Centro Cultural da Justiça Federal
no Rio de Janeiro



André Baía, *Repertório*, 2021

Foto: Divulgação

Enquanto as obras de André Baía apontam para questões relacionadas às influências simbólicas que marcam a cultura visual brasileira, os trabalhos de Alex Frechette exploram o vandalismo de 8 de janeiro de 2023, quando indivíduos buscaram promover um golpe de estado

TRANSEUNTE, DE ANDRÉ BAÍA

Em sua primeira individual no Rio, André Baía apresenta uma seleção de 17 pinturas de três séries distintas e um objeto, em ambiente instalativo. As obras da exposição dialogam com raízes históricas que influenciaram a cultura visual.

A produção recente do artista ecoa a atual paisagem cultural brasileira, uma mistura de referências com raízes históricas que funcionam como um disparador criativo para ele. Vem daí a apropriação, expressa nas telas, que repensa a tradição pictórica e a contrapõe

com o universo pop, compondo uma espécie de plataforma de reflexão crítica.

O conjunto de obras exibido revisita o arranjo iconográfico que compõe as cédulas do papel-moeda brasileiro e se apropria da fotografia vernacular típica das redes sociais, incorporando elementos da cultura pop, da história da arte e da pintura. Outro elemento evocado pelas pinturas de Baía são as entidades associadas ao sincretismo religioso da Umbanda, com a qual o artista tem profunda ligação.



André Baía, *Nota I (frente e verso)*, 2021

Foto: Divulgação

“As séries apresentadas conjugam seus vetores mais pungentes para tecer comentários sobre a cultura afro-brasileira e o universo intransponível da sociedade de consumo”, analisa o curador Alexandre Sá.

“O colonialismo e o imperialismo cultural estão intrinsecamente ligados ao consumo, sobretudo o das ima-

gens. A violência inerente à produção pode ser vista como uma metáfora que simboliza a desconstrução de um legado eurocêntrico”, reflete André Baía. O artista afirma ainda que questionar o significado de elementos figurativos é sua intenção principal nas séries que vem produzindo.

“A obra de Baía promove um comentário abrangente sobre a diversidade social, racial e econômica que nos erige como país atualmente, reforçando a possibilidade de existência democrática dentro de uma sociedade múltipla como a brasileira”, conclui o curador.

Sobre o artista

André Baía, artista visual, nascido em 1987 em São Paulo, radicado em Curitiba, onde vive e trabalha atualmente. Bacharel em Comunicação Social, realizou o curso de extensão *Questões Práticas Teóricas da Pintura na Contemporaneidade* na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (RJ).



André Baía, *Sem título*, 2021

Foto: Divulgação



Alex Frechette, *Jamais Fomos Modernos*

Foto: Divulgação

8 DE JANEIRO – JAMAIS FOMOS MODERNOS, DE ALEX FRECHETTE

As obras apresentadas refletem o repúdio aos eventos que buscaram um golpe de estado – causando danos a noção de democracia e aos edifícios do Palácio do Planalto, Superior Tribunal Federal e Congresso Nacional – e também se debruçam sobre as noções tradicionais de progresso ao retratar as cenas de destruição no estilo dos primeiros modernistas.

Em suas obras, Alex Frechette evidencia o ataque aos ícones modernistas, como os danos à tela de Di Cavalcanti, os painéis e o muro escultórico de Athos Bulcão,

a pichação na escultura da Justiça de Alfredo Ceschiatti, as esculturas de Sônia Ebling, de Bruno Giorgi, de Frans Krajcberg, e a depredação nos prédios projetados por Oscar Niemeyer. Estes ataques parecem questionar o próprio projeto de modernidade, exigindo uma análise da relação entre ação, cultura e contexto histórico.

Marisa Florido, doutora em Artes Visuais e crítica de arte, ressalta que “nas 10 telas em acrílica, o artista resgata o repertório do modernismo artístico (em particular de Di Cavalcanti) para repensar os afetos contemporâneos. Debruça-se sobre os afetos da atualidade para refletir a modernidade, como um ‘campo com-

plexo de interações'. Entremeia, aos planos rebatidos e fragmentados, figuras em ato iconoclasta e aquelas das obras vandalizadas, que ora emergem, ora soçobram entre cores e linhas. Toma, das redes virtuais, as imagens digitais de ódio e destruição e as devolve às telas pictóricas como imagens artísticas, encarnadas naquilo que devastam. Apropria-se dos signos apropriados para refletir os gestos de repetição, mimeses e contágio, como o eterno retorno de nossas iniquidades e misérias. Toma a indiferenciação da massa verde amarela, as subjetividades fusionadas, verte-a na confusão entre figura e fundo, e a tensiona na singularização de cada pincelada”.

O título da exposição estabelece um diálogo com a crítica de Bruno Latour à concepção tradicional de modernidade, ressaltando que esta não é uma narrativa linear, mas um campo complexo de interações.

Sobre o artista

Alex Frechette, artista visual e doutorando em Artes pela UERJ, reside e trabalha em Niterói-RJ. Sua prática engloba desenhos, pinturas, objetos e vídeos, explorando elementos do cotidiano social brasileiro e seus desdobramentos, pulsões e tensões numa busca por discussões sobre história, memória, ativismos e processos poéticos contra-hegemônicos.

SERVIÇO

Exposição Transeunte, de André Baía
Exposição 8 de Janeiro – Jamais Fomos Modernos, de Alex Frechette

Até 7 de janeiro de 2024

Centro Cultural da Justiça Federal – CCJF

Galerias do 1º andar

Av. Rio Branco, 241 - Centro, Rio de Janeiro / RJ

Horários: de terça a domingo das 11h às 19h

Classificação livre

Entrada gratuita



Alex Frechette,
*Jamais Fomos
Modernos*
Foto: Divulgação

MARGEM DE ERRO

na Casa de Cultura do Parque, SP

Obras de Alexandre da Cunha, Eduardo Climachauska, Karen de Picciotto e Rochelle Costi assumem a falta de controle dentro do processo criativo

Rochelle Costi

Foto: Fernando Pereira



Louças, bandejas, cadeiras, vitrolas, lixas de unha e palitos de sorvete. Com curadoria de Claudio Cretti, *Margem de erro* reúne quatro artistas de diversas linguagens na Casa de Cultura do Parque. Nesta exposição, Alexandre da Cunha, Eduardo Climachauska, Karen de Picciotto e Rochelle Costi partem do ambiente caseiro e dos utensílios cotidianos para exprimir suas matérias poéticas, desviando-os do seu uso habitual e, em certa medida, abdicando também do controle total sobre suas produções artísticas.

Entre fotografias de Rochelle Costi que apresentam quartos, salas e restos de uma festa de criança, os trabalhos de Alexandre da Cunha, Eduardo Climachauska e Karen de Picciotto assumem o erro ou a falta de controle dentro do processo criativo como característica fundamental dos seus trabalhos.



Eduardo Climachauska, *Echolalia*

Foto: Fernando Pereira

"Echolalia", obra de Eduardo Climachauska, por exemplo, consiste em uma série de cinco vitrolas que reproduzem, uma após a outra, discursos, poemas, histórias infantis, trechos musicais; e todas elas são adaptadas para travar. Seu erro provoca uma repetição e, assim, abre espaço para uma experiência sonora imersiva em uma busca de possíveis sentidos dentro daquela sequência, da repetição, da aflição, do erro.

"Alexandre da Cunha faz uso de materiais diversos e usa objetos do cotidiano na construção das esculturas", diz Claudio Cretti, curador da exposição. *"Na mostra, apresentamos alguns trabalhos de parede do artista, pinturas que criam grafismos com lixas de unha, além de uma cortina feita com esfregão de chão"*, revela Cretti.



Alexandre da Cunha, *Kentucky (twist)*, 2022
Foto: Divulgação



Karen de Picciotto

Foto: Fernando Pereira

O curador ainda destaca o trabalho de Karen de Picciotto, esculturas constituídas de objetos cotidianos que são revestidos com tinta. *“O processo que ela utiliza é muito interessante porque transforma objetos como pratos, copos, bandejas e bolas de futebol em algo quase irreconhecível, ao despejar tinta sobre eles”,* conclui.

SOBRE A CASA DE CULTURA DO PARQUE

A Casa de Cultura do Parque é um centro cultural que

busca aprofundar o vínculo das pessoas com a arte contemporânea, através de oportunidades de aprendizado e vivências criativas. A partir das exposições de artes visuais, a Casa promove uma série de atividades educativas. De shows a debates, de visitas escolares a mostras de cinema, a Casa de Cultura do Parque tem como propósito contribuir para uma sociedade mais inclusiva e cidadã.

SERVIÇO

Exposição *Margem de erro*, de Alexandre da Cunha, Eduardo Climachauska, Karen de Picciotto e Rochelle Costi

Até 3 de março de 2024

Casa de Cultura do Parque

Av. Professor Fonseca Rodrigues, 1300, Alto de Pinheiros, São Paulo / SP

Horário de funcionamento:

de quarta a domingo, das 11h às 18h



Rochelle Costi

Foto: Fernando Pereira

Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868